

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Coletânea Formação de Professores
IEPIC – Instituto de Educação Ismael Coutinho

Programa Licenciaturas

Jonathan Pinheiro de Lima
Lien Ribeiro Borges
(Org.)

Aroldo Magno de Oliveira
(Ed./Org. geral)

Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação

Pró- Reitora – Alexandra Anastácio Monteiro da Silva

Divisão de Prática Discente

Chefe da Divisão – Lisete Jaehn

Programa Licenciaturas

Coordenador do Projeto – Aroldo Magno de Oliveira

Bolsista – Jonathan Pinheiro de Lima

Professor(a) Supervisor(a) IEPIC – Lien Ribeiro Borges

Revista Querubim 2023 – Ano 19 – Coletânea IEPIC - Formação de Professores – 55 p. (janeiro – 2023)
Rio de Janeiro: Querubim, 2020 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I - Título:
Revista Querubim Digital

SUMÁRIO

Apresentação – Aroldo Magno de Oliveira		04
Introdução – Lien Ribeiro Borges		05
Prefácio – Jonathan Pinheiro de Lima		06
01	Memorial/Depoimento 1 – Alice de Andrade da Silva	09
02	Memorial/Depoimento 2 – Ana Beatriz F. Sá	11
03	Memorial/Depoimento 3 – Ana Clara Muniz	13
04	Memorial/Depoimento 4 – Ana Laura E. Figueiredo	14
05	Memorial/Depoimento 5 – Ana Luiza Andrade Rodrigues de Barros	15
06	Memorial/Depoimento 6 – Anna Clara Gonçalves	17
07	Memorial/Depoimento 7 – Claudia Nunes Volotão	18
08	Memorial/Depoimento 8 – Ellen Carvalho da Silva	22
09	Memorial/Depoimento 9 – Fabiano Ferreira Cardoso	24
10	Memorial/Depoimento 10 – Felipe Balonecker Henrique	26
11	Memorial/Depoimento 11 – Gabriela Menezes dos Santos	28
12	Memorial/Depoimento 12 – Geovana Rodé de Assis da Silva	29
13	Memorial/Depoimento 13 – Isabela Gouvea Ottati	30
14	Memorial/Depoimento 14 – Ivana Sardo Calmon	31
15	Memorial/Depoimento 15 – Jhulya Souza Silva	33
16	Memorial/Depoimento 16 – Júlia Alcântara Motta	36
17	Memorial/Depoimento 17 – Júlia Cerqueira	37
18	Memorial/Depoimento 18 – Júlia Oliveira Bragança	39
19	Memorial/Depoimento 19 – Julia da Silva Barbosa	40
20	Memorial/Depoimento 20 – Kauanny Nascimento Alipio Xavier	42
21	Memorial/Depoimento 21 – Kelly Eduarda de Almeida	43
22	Memorial/Depoimento 22 – Lídia Rangel Izidoro da Conceição	44
23	Memorial/Depoimento 23 – Mariana Machado Pessoa	45
24	Memorial/Depoimento 24 – Mariana Pereira Cunha	46
25	Memorial/Depoimento 25 – Myckaella Pereira Neves	47
26	Memorial/Depoimento 26 – Sara Teixeira	48
27	Memorial/Depoimento 27 – Sofia Sant’Anna Faria	49
28	Memorial/Depoimento 28 – Thayssa de Oliveira Damasceno	50
29	Memorial/Depoimento 29 – Thaís Novaes de Brito	51
30	Memorial/Depoimento 30 – Vitória Silva Rodrigues	52
31	Memorial/Depoimento 31 – Vitória Souza dos Santos	53
32	Memorial/Depoimento 32 – Yasmin Rangel Martins	54
33	Memorial/Depoimento 33 – Anônimo	55

Apresentação

Aroldo Magno de Oliveira¹

A Coletânea Formação de Professores reúne um conjunto de textos escritos por alunos em processo de formação de professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental do Instituto de Educação Ismael Coutinho – IEPIC localizado no setor central da cidade de Niterói.

O tipo de texto é o *memorial/depoimento*, onde os autores desenvolvem um olhar retrospectivo dos seus respectivos processos de formação. São jovens que esboçam reflexões e olhares críticos que se desenvolverão ao longo de suas práticas pedagógicas, de modo que possibilitem um constante aperfeiçoamento da atividade de ensino-aprendizagem na educação do povo brasileiro.

Em conformidade com o PDI – UFF e com o que prevê o projeto, a presente coletânea é o resultado de uma atividade de prática de ensino que destaca a educação como a atividade humana de compreensão do mundo natural e do mundo social. Os alunos/autores do IEPIC em formação para o magistério apresentam uma etapa do desenvolvimento da referida compreensão do mundo e da sociedade, cuja perspectiva é a qualificação das relações humanas.

Um conjunto muito grande de atividades de ensino/aprendizagem não são registradas por escrito com a finalidade de divulgação para permanecer disponível aos leitores em geral de todo o país. Entendemos que esses registros se constituem em uma fonte valiosa de pesquisa para uma compreensão mais apurada não só de categorias de pensamento, mas também de um processo de formação da consciência. E se formos mais ousados, acrescente-se a compreensão da estrutura da sociedade brasileira no seu plano político e econômico.

Alguns autores escreveram um pouco mais e outros um pouco menos, conforme as suas respectivas necessidades e disponibilidades. Importante ressaltar que houve a oportunidade de uma mobilização para um esforço introspectivo que, em linhas gerais, pouco se observa em todo o processo ensino-aprendizagem em nosso país.

Além disso, observa-se a necessidade de um debate sobre incorporar nas dinâmicas de aprendizagem a questão relacionada a um projeto de construção/desenvolvimento do nosso país.

Enfim, disponibilizamos aos leitores um conteúdo referencial de extrema importância para uma compreensão mais aprofundada das características gerais de nossos alunos e, sobretudo de suas expectativas.

¹ Professor e Coordenador do Projeto Letras – Programa Licenciaturas – PROGRAD – Divisão de Prática Discente.

Introdução

Lien Ribeiro Borges²

O Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC) teve sua origem com a denominação de “Escola Normal”, a primeira escola de formação de professores do Brasil e das Américas, instituída através do Ato n.º 10 de 1º de abril de 1835, da Assembleia Legislativa da Província do Rio de Janeiro. Atualmente, o IEPIC oferece o segundo seguimento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio na modalidade de Curso Normal, que contempla a formação de professores para atuar nas séries iniciais da Educação Básica.

Nas últimas décadas a escola vem passando por um processo de reformulação e redefinição em decorrência da reforma do Novo Ensino Médio, delineada pela Lei nº 13.415/2017 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, afetando também o Curso Normal que está sendo reestruturado, com a implementação de nova grade curricular. Porém, se por um lado vive-se um período de redefinições sobre o futuro do Curso Normal, por outro cria-se expectativas diante das possibilidades que se anunciam e são concebidas pelo coletivo da comunidade escolar em torno do futuro professor que almeja ajudar a formar.

Nesse contexto, em 2022, foi aplicado o projeto “Memorial Autobiográfico” em três turmas concluintes do Curso Normal, objetivando estimular a reflexão sobre a formação de professores em nível médio, além de oferecer aos alunos a oportunidade de pensarem sua formação educacional e seu papel como estudantes e como futuros professores das séries iniciais.

Para este projeto, os alunos das turmas de terceiro ano do Curso Normal do IEPIC escreveram um Memorial no qual narraram suas impressões sobre os três anos de escolaridade no curso de formação de professores, contando as vitórias e os momentos difíceis, dentre esses últimos destaca-se os dois anos de pandemia da Covid 19. Os textos dos alunos mostram o quanto o ensino remoto, adotado durante a pandemia, foi prejudicial ao desempenho acadêmico dos estudantes, evidenciando que a vivência escolar faz muita falta para o desenvolvimento do aluno. Também expressam a importância dos estágios, na disciplina de Prática Pedagógica e Iniciação à Pesquisa, para a formação de professores.

O projeto de construção do Memorial Autobiográfico demonstrou o papel da escola enquanto espaço social de suma importância para a formação de um cidadão crítico e consciente dentro do contexto no qual se insere.

² Professora de Língua Portuguesa do Instituto de Educação Prof. Ismael Coutinho. Bacharel em Comunicação Social e Licenciada em Letras. Pós-Graduada em Educação de Surdos pela UNIRIO. Mestre em Letras pela UFF.

Prefácio

Uma profissão revolucionária

Jonathan Pinheiro de Lima³

Dos controversos ensinamentos jesuíticos à educação libertadora de Freire, a imagem do educador sempre possuiu um papel fundamental na construção da cultura e caráter da sociedade. A escola é parte fundamental e essencial na vida de um indivíduo, responsável por parte do processo de desenvolvimento de sua cidadania e identidade. Segundo o artigo dois da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação deve ser “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana” (BRASIL, 1996). A democratização do ensino abriu as portas para estudantes de diversas classes. O espaço escolar é, desta forma, um local no qual as ideias se chocam e se contradizem. Um ambiente saudável será assim aquele que não camufla, mas explicita essa relação.

No entanto, à proporção que a educação é libertadora, é também alienadora; há sempre um misto de interesses políticos e econômicos acerca do controle dos rumos e formato do ensino. A “educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política.” (ARANHA, 2006, p. 24). Nesse emaranhado de interesses e contradições se encontra o professor, perdido entre seu dever de instruir seus alunos e os fardos da precariedade e pressões do ofício. Pensa-se, a partir do senso comum, que o dever de um professor é o de transmitir informações. Este é de fato um dos deveres, mas o magistério vai muito além. Diferentes tempos e correntes pedagógicas elaboraram sua interpretação do que é ser professor. Paulo Freire (2020), por sua vez, elaborou o conceito de “Educação bancária” para descrever a problemática no magistério.

A metáfora de Freire (2020) estabelece uma relação vertical entre educador e educando. Nesta, o aluno recebe o “depósito” do professor, ou seja, o conhecimento. A educação torna-se uma prescrição a qual o estudante - em uma posição de receptor passivo - segue cegamente, pois este seria uma página em branco esperando para ser preenchida. A partir dessa visão, o educador bancário seria o sujeito do processo educacional enquanto os educandos, meros objetos.

Em um jogo de interesses e dificuldades, o professor conseqüentemente acaba por se tornar mais uma engrenagem do mecanismo de coerção e alienação do pensamento. Se as estruturas de poder negam o diálogo, pode-se perguntar: Quando surgirá a possibilidade de fomentar o pensamento livre? Em resposta, Freire(2020) diz:

“Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar essa possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador.” (FREIRE, 2020, p. 86)

³ Graduando de Letras - Português/Literaturas. Bolsista do – Programa Licenciaturas - Letras

Um educador revolucionário não deve aguardar a mudança. Quando o diálogo é negado, dialoga-se sobre a negação do diálogo. O papel da educação não deve ser o de domesticar. Cada estudante possui seu próprio universo de conhecimento e suas interpretações de mundo. O professor não educa, mas oferece as ferramentas necessárias para que esses indivíduos ressignifiquem seus mundos, produzindo novos conhecimentos no processo.

Em uma relação horizontal, o educador não é só educador, mas educando também. Conforme ensina, aprende com seus alunos. Da mesma forma, conforme os alunos aprendem, ensinam. Na visão freireana, ninguém deve ser o educador de ninguém, pois os indivíduos educam-se entre si, aprendendo uns com os outros. A educação libertadora deve ser também problematizadora, motivada por uma quantidade indeterminada de “porquês”. Somente assim, o sujeito se reconhece como parte do mundo, pois reconhecer o mundo é ter consciência de si. Os seres humanos buscam constantemente a mudança, pois como a própria história, são criaturas inconclusivas e, por este motivo, buscam sempre serem mais.

As memórias e a busca de si

A literatura é parte essencial da vida. Não há homem que viva sem histórias. Desde os primórdios da organização humana, conta-se lendas, boatos, folclores, vivências pessoais, entre outras manifestações culturais. Segundo Candido (2011), a literatura é inseparável da sociedade, pois através dela é possível reafirmar valores e validar sentimentos, estimular crenças e normas. Dessa forma, fortalece-se o senso de pertencimento ao grupo e posição do indivíduo no mundo.

Da mesma maneira, a literatura é fundamental em sala de aula. Cosson (2014) destaca a contação de histórias como uma estratégia pedagógica de iniciação da criança no hábito da leitura. O autor também descreve a relação do ato narrativo com a formação do senso crítico. Nessa perspectiva, quando há um controle excessivo para guiar o leitor/ouvinte por um caminho específico, a história perde sua força de liberdade. O pesquisador defende a leitura livre para que o imaginário do leitor seja guiado pelos indefinidos caminhos que o texto o permite viajar. Assim sendo, a leitura não deve ser apresentada apenas como um conteúdo programático, tampouco deve estar unicamente associada à imagem do professor. Para uma educação dialogal, é necessário que o aluno reconheça uma importante fonte de informação: si mesmo.

A humanidade sempre buscou autoconhecimento através da escrita. Seja por meio de personagens fictícios que representam um retrato do autor, como a personagem Esther Greenwood de Sylvia Plath, seja nos casos onde o próprio autor se personifica na escrita como Santo Agostinho em suas confissões. Tal fato mostra um interesse real do autor em desvendar os mistérios do conhecimento intrapessoal. Esse entendimento de si, por sua vez, possui extremo valor em sala de aula. Para Tamanini e Silva (2022), a abordagem autobiográfica auxilia na construção de emoções e desejos. O estudante se descobre conforme escreve sobre si. Ao se conhecer melhor, conseqüentemente passa a compreender amplamente o funcionamento do mundo e seu lugar nele.

Para a construção de um memorial autobiográfico, primeiramente deve-se compreender a memória e a função de uma autobiografia. Segundo Zagury (1982), a memória é caótica e inconstante. Uma pessoa não lembra dos fatos de forma linear e cronológica,

diversos momentos podem fluir de acordo com os gatilhos do cotidiano. A literatura memorial, por outro lado, faz o recorte de momentos que o autor julga substancial, estabelecendo uma ordem de eventos cadenciada. Assim sendo, o memorial é um retrato crítico da memória no qual o escritor reflete e julga seu passado através do papel e da caneta.

A autobiografia, por sua vez, é um subgênero da anedótica, paralelo e auxiliar da historiografia. Tal gênero é, muitas vezes, utilizado como fonte histórica quando expressa a vida de figuras políticas e personalidades históricas. Mas quando um indivíduo escreve sua autobiografia sem a pretensão de ser uma fonte histórica, esta obra tem um intuito externo e interno. O externo é o que Zagury (1982) chama de exemplo problematização. O escritor interpreta suas memórias por uma nova perspectiva, podendo ir de encontro com a visão que ficou estabelecida a partir da sequência de eventos original que a memória suscita. O intuito interno é uma forma de confissão na qual o escritor utiliza-se da forma para expressar seus sentimentos e desejos. A persona exposta na autobiografia é a versão que o autor tem de si, a imagem mental que ele constrói com base na sua interpretação de sentidos e sentimentos.

Todo indivíduo interage com seu meio de uma forma distinta, de acordo com uma percepção construída pelo ambiente em que cresceu. Dessa forma, os alunos participantes da produção dos memoriais autobiográficos expressaram essas individualidades através da escrita. Cada turma participante possuía uma personalidade singular da mesma forma que cada aluno se relacionava com a escola de uma forma diferente. Apesar disso, podem ser notadas características que unem todos eles. Há presente em cada um deles a descoberta, o brilho de encontrar-se no outro. Nos memoriais, eles expressaram seus sentimentos e preocupações, suas fragilidades, o que os torna fortes, suas perdas e dificuldades perante uma pandemia desoladora e um governo catastrófico. Apesar disso, em meio a tantos problemas, esses jovens foram capazes de encontrar sentido de diversos modos, seja na forma de um amigo, seja na descoberta do prazer no exercício da docência. Às suas maneiras, cada um deles reivindicou seu lugar no mundo.

Referências

- ARANHA, M.L. de A. *História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil*. 3ª ed. São Paulo (SP): Moderna, 2006.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB*. 9394/1996
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5ª edição, corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 73ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- SAVIANI, N. (2011). Escola e luta de classes na concepção marxista de educação. In: *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v. 3, n. 1, p.7-14; fev. 2011.
- SILVA, Enock Douglas Roberto da; TAMANINI, Paulo Augusto. *Narrativas de si, Histórias de vida e memórias no processo de alfabetizar-se: Relato da experiência com jovens e adultos no município de Icapuí (CE)*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v.07, n.20, p. 222-235, jan./abr. 2022.
- ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

Memorial/Depoimento 1

Alice de Andrade da Silva

Meu nome é Alice de Andrade, tenho 19 anos e vou contar a minha trajetória escolar. Minha infância foi uma grande influência para eu ter conhecido e escolhido o Curso Normal (Formação de Professores) e ter me apaixonado na profissão de ser professora da Educação Infantil. Desde minha formação básica sempre cultivei o gosto por aprender. Lembro com clareza de ter descoberto o prazer em estudar por volta do oitavo ano do ensino fundamental, quando um professor de matemática, querido professor José, com uma metodologia muito simples e uma didática recheada de carinho e compreensão, parece ter tirado dos meus olhos uma venda e me mostrado as cores do mundo do aprendizado.

Quanto aos anos anteriores, com exceção da pré-escola e dos anos iniciais, minhas lembranças não são claras, são bastante nebulosas, são em preto e branco na memória e me fazem lembrar um período sofrível onde eu não compreendia aquilo que me era “ensinado”. Hoje, me tornando profissional da educação e buscando compreender o processo de construção do conhecimento, sei que naquele período nada me foi ensinado, pois o ato de ensinar não se restringe apenas à pessoa do interlocutor de conteúdo, mas também é um processo dialético que depende da resposta do outro e da sua compreensão sobre o assunto. Freire (2000), através da sua pedagogia libertadora, decifrou o processo de ensinar e aprender como faces da mesma e valiosa moeda, uma não se constitui sem a outra. Todos nós temos uma história para contar... E muitas são as histórias e os cenários que compõem a minha formação. Todas acompanhadas de experiências, preocupações, inquietações e questionamentos que surgiram ao longo do Curso Normal no (IEPIC).

- Os 3 anos de educação em Nível Médio (Curso Normal)

Os meus dois primeiros anos no Curso Normal foram realizados remotamente, pois estávamos em uma pandemia da COVID 19. Eu ainda não sabia muito sobre como era estar dentro de uma sala de aula do Curso Normal, não fazia ideia do que era entrar em uma sala com a Educação Infantil e o que fazer, porém nunca deixei de assistir vídeos, ler e aprender sobre como seria essa experiência.

- Os Estágios

Os meus estágios foram realizados pela primeira vez no ano de 2022, foi uma experiência e tanto para mim, pois através dele eu conheci em que ano/escolaridade e também em que momento eu me identifiquei na sala de aula. A minha trajetória na sala com o Ensino Fundamental foi bastante difícil porque no dia da minha aula prática, a professora deles havia faltado e ficaram com uma professora substituta com a qual a turma ficou bastante eufórica. A professora substituta estava se sentindo mal, ou seja, eu não consegui controlá-los, mas a aula foi feita com pouca atenção de uns. O estágio pelo qual eu me

apaixonei e se tornou especial foi pela Educação Infantil juntamente com as professoras Lays e Tatiana, que foram muito atenciosas e me senti à vontade em sala com elas.

- Cursos de aperfeiçoamento realizados:

- ★ Rotina das crianças/ Momentos de higiene e alimentação
- ★ Curso de Formação de Mediadores
- ★ Mediação Escolar / Fundação Demócrito Rocha
- ★ Os campos de experiência da BNCC da Educação Infantil
- ★ Cuidador Escolar
- ★ Leitura para Bebês

Comentários Expectativas da Formação

A escolha do Curso Normal, no começo, foi mais um Plano B. Porém, ao decorrer do ano, eu me apaixonei pela profissão e quero dar continuidade, fazendo a faculdade de Pedagogia e trabalhando em escolas. Mas, fazer a faculdade de Educação Física (Licenciatura) também faz parte dos meus planos, que faz parte da metodologia em sala de aula tornando um ambiente melhor para os alunos.

Memorial/Depoimento 2

Ana Beatriz F. Sá

Eu me chamo Ana Beatriz, hoje tenho 54 anos e estou terminando o curso normal. Tudo começou no ano de 1987 quando eu já estudava no IEPIC. Saí do bloco B, antigo ginásial, e passei direto para o bloco A, curso normal. Junto com a pressão do meu pai (falecido) que falava que fazendo o curso Normal eu sairia com uma profissão, e ser professora era elite, bem visto e lindo!

Muito contrariada, iniciei o primeiro ano em uma turma com 45 alunas. Muitas vieram de outras escolas, a maioria de escola particular, pois a escola era muito requisitada. Quem vinha de outra escola fazia prova para entrar. Logo no primeiro ano, além das matérias básicas, entrava outras matérias pedagógicas e estágio. O estágio era feito no próprio IEPIC, que também tinha Ensino Infantil e Ensino Fundamental. Gostei muito do estágio, porém não me dediquei às matérias, pois estava ali forçada e era cabeça de vento. Conclusão: repeti o primeiro ano e no ano seguinte encarei tudo de novo, porém mais conformada.

Já no segundo ano, a carga horária do estágio era maior e tinha que fazer estágio em uma escola particular e em uma escola pública sem ser o IEPIC ou Brizolão. Fiz estágio na alfabetização do IEPIC que realmente é apaixonante. A professora teve um problema de saúde e entrou de licença e gostei porque fiquei com a turma durante um bom tempo, dando continuidade ao trabalho que ela iniciou. Assumi com tanta vontade e empolgação que algumas crianças se alfabetizaram comigo. O empenho foi tanto que participei até do conselho de classe para explicar como meu trabalho estava sendo feito. Foi o melhor ano!

E finalmente cheguei ao 3º ano, com a carga horária maior nos estágios, onde fiz na escola particular Cirandinha. Por ser particular, tinha uma estrutura muito boa e totalmente diferente do que eu estava acostumada a ver. Fiquei encantada! Me saí muito bem no estágio. Fiz também na escola Fernando Magalhães, no bairro Charitas. Apesar de tudo isso, não segui na profissão. No término do terceiro ano resolvi sair do IEPIC para trabalhar, largando assim o curso normal; até porque ainda existia o 4º ano, que na época era obrigatório. Concluí as matérias que faltavam do segundo grau no Liceu.

Bem, trabalhei, casei, tive três filhos (amores meus) e trabalho como cuidadora há 22 anos. Hoje, 32 anos depois, voltei para o 3º ano do curso normal e estou terminando. Vou concluir o segundo grau pela segunda vez. Por que voltei? Explico:

Porque quero ensinar e aprender com as crianças. Descobri que realmente gosto, é uma profissão que apesar de não reconhecida, ainda vai gerar bons frutos, vai gerar emprego (mesmo com a idade madura) me fazendo crescer. Resolvi pensar e Cuidar Mais de Mim, já que os meus filhos estão encaminhados. Mas com tudo isso não está sendo fácil, anos fora de sala de aula, trabalho, o curso é integral e os alunos com grande diferença de idade. O

bom é que dessa vez não desisti. Pretendo no ano de 2023 iniciar pedagogia e me dedicar mais aos estudos para tentar um concurso público.

O ensino mudou muito, é claro, são 32 anos depois. O IEPIC virou um gigante adormecido, com poucos alunos em sala de aula. Ser professora, embora seja quem forma engenheiros, médicos, arquitetos etc, é desvalorizada e a profissão vem minguando, não é mais elite! Mas, ainda assim, é o que eu quero. Educar é um ato de amor e coragem, mudar e ser mudado por uma educação melhor.

Memorial/Depoimento 3

Ana Clara Muniz

Meu nome é Ana Clara Muniz, vim da Escola Municipal Rachide Da Glória Salim Saker. Nunca pensei em ser professora, porém uma prima minha me apresentou o IEPIC. Confesso que no começo fiquei meio desanimada pela distância e carga horária, mas, com o passar dos anos, eu fui conseguindo me adaptar.

A pandemia começou no meu primeiro ano no IEPIC, só tive um mês de aula presencial. Não consegui ficar focada nas aulas online, foi muito difícil prestar atenção nas aulas e atividades e saber que meu esforço não estava valendo, pois já sabia que iria passar automaticamente. Então, fiquei desanimada porque não estava vendo resultados de estar aprendendo as matérias.

Meu segundo ano foi péssimo, eu chorava diariamente por não conseguir entender as atividades e, com isso, não consegui fazê-las direito, porque os professores não tinham como ensinar de forma que eu iria aprender e de forma que a aula fosse produtiva e fizesse que os alunos ficassem atentos.

Já no meu terceiro ano, na formação de professores, aqui no IEPIC, foi bom, porém difícil de me adaptar às aulas presenciais. Novamente, foi até mais fácil prestar atenção e fazer amizades novas, mas é claro que não foi rápida a adaptação e dificultou muito mais quando comecei a fazer os estágios. Porém, foi inexplicável passar por tudo isso, foram experiências únicas que sempre irei levar dentro de mim. Por mais que eu não queira seguir como professora, nunca vou esquecer de todo aprendizado que tive.

Memorial/Depoimento 4

Ana Laura E. Figueiredo

Eu, Ana Laura Euzébio Figueiredo, ingressei no curso normal do IEPIC para ter a formação técnica de professora e trabalhar na educação infantil e no ensino fundamental. Eu terminei o ensino médio no ensino regular e depois ingressei no curso normal.

Ingressei no curso normal a partir do segundo ano do ensino médio, o segundo ano foi todo por EAD devido a pandemia. Realizei as adaptações do primeiro ano tudo por EAD e, infelizmente, no segundo ano não pude realizar meus estágios no curso de forma presencial. Realizei, neste ano, cursos online que ajudaram em minha formação, no site Nova Escola.

No terceiro ano e o último do curso normal, que realizei em 2023, tive experiências muito importantes para minha formação. Realizei os meus estágios de forma presencial e tive muitos aprendizados. Aprendi a dinâmica na sala de aula e tive contato com diferentes tipos de alunos. Particpei de seminários, palestras, rodas e conversas com professores da UFF e visitei museus e teatros. Nunca tinha ido ao teatro e, devido a esse curso, tive a oportunidade de ir. Também tive experiências sociais de convivência social, etc.

Memorial/Depoimento 5

Ana Luiza Andrade Rodrigues de Barros

Desde pequena, minha vontade sempre foi trabalhar como professora e, no ano de 2019, estava procurando escolas para eu poder me matricular, e nas minhas pesquisas acabei descobrindo que existem escolas "técnicas de professores", o que para mim foi uma grande surpresa, pois nunca havia ouvido falar sobre.

Em 2020, me matriculei no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, popularmente conhecido como IEPIC. Não sabia muito sobre a escola nem sobre o curso porque não conhecia ninguém que já tivesse estudado em uma formação de professores ou que conhecesse a escola, então estava com um pouco de receio. Mas quando descobri ter estágio eu me animei, porque aquela seria a oportunidade perfeita para ter experiência na área que eu queria atuar.

Infelizmente, o ano de 2020 já começou com uma pandemia e o 'lockdown' impediu que as aulas e os estágios acontecessem presencialmente. Porém, as aulas remotas não foram ruins, os professores eram muito dedicados e tentaram se adaptar ao novo cenário com aulas pelo Google Meet. Eles mandavam muitos textos, vídeos e nós tínhamos que assistir muitas palestras e fazer alguns cursos obrigatórios, o que é ótimo, tanto para colocar no currículo quanto para ter conhecimento. Sendo sincera, gostei do período remoto porque ele me fez conhecer cursos que não fazia ideia que existiam e assistir palestras que eu não teria contato se não fossem obrigatórias. Não que os vídeos fossem chatos, mas são poucas as pessoas que no tempo livre escolhem assistir palestras.

No final de 2021, a escola havia voltado a funcionar em um sistema híbrido, porém eu não me senti à vontade para retornar. Em 2022 (esse ano) com o revogamento do lockdown, pude ter meu último ano escolar presencialmente. Uma das coisas que eu mais gostei de fazer foi a pasta de estágio, pois como temos que fazer 10 atividades culturais obrigatórias, pude conhecer diversos lugares que eu talvez nunca tivesse ido se não fosse pela escola, também pude assistir diversas palestras com temas muito interessantes (só que dessa vez presencialmente).

Agora, falando de estágio, sem dúvidas o maior motivo de eu ter me matriculado, foi simplesmente uma experiência maravilhosa. Fiz primeiro o estágio de ensino fundamental em uma escola ao lado do IEPIC chamada Anísio Teixeira. A turma que fiquei era de 2º ano, na minha turma tinha uma estudante com NEE e ela tinha uma professora própria para ela. Foi muito interessante ver como ela planejava as atividades e como ela lidava com situações que eu nunca havia passado (me fez abrir a mente). A professora regular era muito simpática e a ajudou muito a mim e à minha colega que fazia estágio junto comigo, tirando diversas dúvidas.

Outro estágio que fiz foi em uma escola de educação infantil, localizada no centro de Niterói, chamada Maria Vitória Ayres Neves. A turma que fiquei foi de 4 anos. Como era uma escola integral, as atividades pedagógicas ficavam mais na parte da manhã, e na parte da tarde era mais para "cuidar". Como as crianças estavam naquela fase de perguntar muito, era muito divertido conversar com elas, eram muito animadas e sempre tinham uma história diferente para me contar. Esse foi o estágio mais longo que fiz, 130 horas, então acabei criando um vínculo com as crianças e foi um pouco difícil dizer adeus. Prefiro o ensino fundamental por serem crianças maiores, mas sem dúvidas o de educação infantil foi onde eu me senti mais à vontade.

Atualmente estou concluindo minha carreira escolar e pretendo continuar estudando, o curso normal me fez perceber que é realmente isso que quero para minha vida, é em sala de aula que me sinto bem. Então planejo fazer Pedagogia e como muitos conteúdos que tive tem também na faculdade, aproveitarei de outra forma. Também gostaria de fazer história, mas não planejo dar aula de história, é apenas uma matéria que gosto muito e queria me aprofundar.

Memorial/Depoimento 6

Anna Clara Gonçalves

Meu nome é Anna Clara Gonçalves, tenho 17 anos. Entrei no Curso Normal por indicação dos meus irmãos, que também estudaram no IEPIC. No ano de 2020, comecei a estudar na turma 1003, mas logo em seguida fui para a 1005. Em março, com o início da quarentena, os estudos passaram a ser remotos. Foram dois anos de EAD, os estágios eram através de videoaulas, o que tornou desinteressante. Confesso que não aprendi nada durante esse período., principalmente porque não tinha tempo e tinha outros compromissos.

No ano de 2022, finalmente, pude frequentar presencialmente a escola. O estágio no Ensino Fundamental me trouxe um novo olhar, brinquei com os estudantes, conversei com eles, ajudei a fazer as tarefas e dei uma aula sobre divisão. No estágio de Educação Infantil, pude estagiar em várias salas com características singulares. Participei de palestras e acompanhei o desenvolvimento das crianças durante 3 meses e meio.

Fiz três cursos: Como criar e usar vídeos na educação, Meios de transporte e Campos de experiência na BNCC. Participei de palestras, visitei museus e exposições, assisti peças e um mini concerto e fui a lugares históricos.

Nesses três anos de curso normal, somente o último teve valor para mim, pois aprendi muitas coisas com professores e colegas de classe. Espero dar continuidade ao magistério e fazer curso de libras para que eu me torne uma professora que faça diferença para os alunos e a sociedade.

Memorial/Depoimento 7

Claudia Nunes Volotão

Chamo-me Claudia Nunes Volotão, tenho 51 anos e venho por meio deste memorial contar um pouco da minha trajetória escolar.

Eu sou a filha caçula de oito irmãos, fui uma criança feliz e mimada por minha família e tive uma infância muito boa. Morava em um sítio, que aliás temos até hoje, cresci no meio do verde, da natureza, andava descalça, bom... confesso que não gostava muito, ah! ah! Sempre tive liberdade para aproveitar a minha infância: brinquei muito, corria, subia em árvores, principalmente em época frutífera, lembro que meus tios tinham em seu sítio uma plantação de jabuticaba, era lindo ver as jabuticabeiras carregadas de frutos. Meu pai tinha uma plantação de mamão, aipim, hortaliças, laranja, tangerina e manga. Criava porcos e galinhas para nosso consumo. Saudade!

Eu tive a oportunidade de crescer no meio dos livros, acordava todos os dias às cinco da manhã com a rádio relógio despertando para minhas irmãs do meio irem estudar, ficava imaginando como seria na minha vez, achava lindos seus uniformes azuis anil e brancos, saia de prega e blusa de colarinho. Bom! Vamos voltar aos livros... Na verdade, cresci ouvindo histórias contadas por meu pai, que, digam-se de passagem, bem assustadoras! Adorava. Nossos livros eram maravilhosos: Gibis, almanaques e revistas de fotonovelas. As que eu mais gostava eram os gibis do Zorro, Fantasma, recruta Zero, Tex (esse era do meu irmão, o bendito fruto no meio das mulheres, ah!), tinha também Brasinha, Zé Carioca, Luluzinha, Turma da Mônica, Conan o bárbaro, Walt Disney, entre outros. Ufa! Quantas recordações boas da minha infância!

Aos seis anos de idade minha mãe me colocou para estudar na casa de uma vizinha que dava aula de reforço escolar, com ela aprendi: ler, escrever e as quatro operações. Minha cartilha de alfabetização era “Método ABC” (clássica) e minha tabuada era a “Tabuada ensino prático para aprender aritmética”. Confesso que não aprendi. Nossa vizinha era uma mulher simples, porém respeitada e amada por todas as crianças que estudavam com ela. Já alfabetizada, fui estudar numa escola estadual que fica situada em um bairro próximo, essa escola ainda funciona no mesmo endereço, agora faz parte do município e já vai pra seus mais de sessenta anos. Lá eu concluí o meu primário (educação fundamental), tive mais de uma professora e todas muito carinhosas com seus alunos, foi nessa época que comecei sentir vontade de ser professora.

A minha adolescência foi um pouco diferente. Com onze anos de idade concluí o primário e para ingressar no ginásio precisei mudar de escola e ir estudar em outro bairro mais distante, que me fez depender de transporte público, nesse período meus pais passaram por algumas dificuldades e uma delas foi a financeira e não puderam arcar com minha despesa de transporte, então, sai da escola. Passei minha adolescência sem estudar e já adulta e

trabalhando fui fazer o supletivo, assim, concluir o fundamental foi um período difícil, hora morava na casa de uma Irmã, hora morava na casa de outra, e, assim foi por um bom tempo, até que fiquei desempregada e voltei a morar com os meus pais no sítio.

Em 2001 me casei e nesse mesmo ano fiquei sabendo da existência de uma escola estadual que oferecia o Curso Normal, vi então, uma grande oportunidade para realizar meu sonho de ser professora e concluir o Ensino Médio. Rapidamente me matriculei e cursei naquela escola o 1º e 2º anos de formação de professores do Curso Normal. No final do 2º ano do curso, fui providenciar meus documentos acadêmicos na escola onde eu tinha feito o fundamental e para minha surpresa a escola tinha falido e meus documentos não foram registrados na secretaria da educação. Com isso, ficou concluído que eu não tinha como provar que tinha cursado o ensino fundamental. Dei, então, entrada em um processo junto a Secretaria da Educação que só foi perda de tempo e aborrecimento. Na Secretaria da Educação me disseram para fazer o ENCCEJA, porém, muito chateada e sem apoio, desistir de estudar, engravetei meu sonho de ser professora.

Casada, engravidei, e, em 2004 meu filho nasceu cheio de vida e trazendo sentindo ao meu viver, presente de Deus pra mim. Meu sonho de ser professora ficou embrulhado em papel pardo e amarrado com corda de sisal, guardado no fundo de uma gaveta por mais 13 anos. Enquanto meu sonho ficava guardado, realizei outros sonhos, me casei, tive meu filho e minha casa própria. Mas a vida é feita de altos e baixos... e em 2015 tive algumas surpresas um tanto desagradáveis, minha tia que morava comigo faleceu em abril, em maio separei-me, em julho foi a minha mãe quem nos deixou e em dezembro do mesmo ano mais duas tias se foram, 2015 foi um ano de dor, de desconforto emocional e solidão. Assim segui a vida, com Deus, meu filho e eu.

Em outubro de 2016, reencontrei um ex namorado de anos atrás, trocamos mensagens pelo Messenger por várias vezes, até que nos encontramos pessoalmente, um ano depois assumimos o nosso relacionamento e mudei-me para o Município de Itaboraí. Sabendo meu namorado que o meu sonho estava guardado, convenceu-me a abrir a gaveta e tirá-lo de lá, assim aos pouquinhos fui desamarrando a corda de sisal e desembrulhando o meu sonho. Em 2018 ele me convenceu e eu fiz o ENCCEJA, assim começamos nós três juntos, ele, meu filho e eu a desatar os nós da corda de sisal que amarrava meu sonho em um embrulho de papel pardo; às vezes o medo me paralisava e tinha vontade de desistir de tudo, como recebia apoio e carinho todos os dias consegui desatar os nós que tinha feito nas minhas emoções. Não foi e não tem sido fácil convencer-me que sou capaz. Concluí a distância o ensino fundamental e médio e em 2019 fiz o vestibular da Estácio de Sá para cursar cozinha contemporânea, fiz o 1º período do curso, mas, não era o que queria, então, desisti. Meu namorado sabia que meu sonho era ser professora, me convenceu a fazer a matrícula no IEPIC. Como era cria do Fonseca, conhecia tudo em Niterói, foi meu namorado que me falou do Curso Normal do IEPIC e me convenceu a voltar à sala de aula.

Precisei me desconstruir, vencer a mim mesma, convencer-me de que tudo tem um propósito e provar a mim que poderia começar de novo quantas vezes fosse necessário, foi um tanto difícil. E esse é o segredo da vida! 2020 chegou, e eu me matriculei no 1º ano do Curso Normal com meus 48 anos de idade. Lembro como se fosse hoje, eu chegando ao IEPIC para fazer a minha matrícula toda entusiasmada e, com muita vergonha, me deparo com o pátio da escola cheio de crianças e adolescentes, uma decepção pra mim, pois tinha em mente que haveria mais adultos que adolescentes, ah! ah! ah! Na secretaria da escola fui muito bem recebida, e tive conhecimento que havia outros alunos da minha idade matriculados na instituição. Mas em março do mesmo ano (2020) foi decretado a pandemia do coronavírus no Brasil. Em abril, com o lockdown, as aulas foram suspensas e deram início às aulas de período remoto. Uma pandemia, algo nunca imaginado por nós, muita coisa para fazer, muita informação, preocupação, tristezas e lutos... A situação trouxe à tona problemas como: a falta de recursos digitais, dificuldades de aprendizagem e o impacto da saúde mental.

Ficamos todos confusos, diretores, coordenadores, professores, alunos e pais. Aulas pelo aplicativo da SEEDUC e pelo whatsapp, que para a maioria não funcionou, então começou a distribuição das apostilas e por último a aprovação em massa. No ano seguinte, seguimos com o lockdown, nossa diretora não se deixou abater, não abaixou a cabeça e por várias vezes encontrávamos as mensagens de incentivo deixado por ela no grupo das turmas no whatsapp. Nosso estágio foi remoto nos dois primeiros bimestres, assistimos vídeo aula de professores e palestras. E assim chegamos em 2022, aulas presenciais com uso de máscaras obrigatórias, álcool em gel e distanciamento, nosso estágio foi presencial com uso de máscaras e todo cuidado possível. Descobri no estágio da educação fundamental que eu era uma mulher alegre, ah! Porque as crianças me desenhavam sorrindo em suas cartinhas e me davam de presente, as mesmas farão parte do meu portfólio.

Aos poucos estamos voltando ao novo normal, o aprendizado ficou prejudicado, talvez porque tivemos nossas emoções abaladas, tanto professores quanto alunos. Os dois primeiros bimestres do ano letivo de 2022 foram estressantes, a turma não conseguiu se socializar, porém havia muito respeito entre nós, tivemos dificuldades para dirigirmos aos nossos professores e percebi deles a mesma dificuldade. Fomos aos poucos nos soltando e chegamos aos dois últimos bimestres bem mais à vontade. Já nos pegávamos brincando uns com os outros e até mesmo com alguns professores, mesmo sabendo que éramos apáticos aos seus olhos. Não posso deixar de registrar aqui a dedicação dos professores, e dos meus colegas de turma, que em meio a muitas perdas resistiram e juntos estamos concluindo mais uma etapa da vida. Um novo ciclo começará.

Bom... Estou chegando ao final do Curso Normal com os meus 51 anos de idade, com dois cursos de aperfeiçoamento: Um Auxiliar Pedagógico com carga horária de 200 horas e o outro, Curso FIC EAD Tecnologias Assistivas com carga horária de 160 horas, ambos realizados pelo IFE de Sul de Minas/Minas Gerais. Não foi fácil, mas, quem disse que seria. As expectativas são grandes e novos sonhos já surgiram, sonhos esses de trabalhar em sala de aula, e fazer uma faculdade de Pedagogia e Psicopedagogia. Levarei em meu coração os

meus professores, cada um com sua essência, alguns tocaram a minha alma e teve aquele que chegou no final do curso somente para despertar em mim o desejo de prosseguir.

“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.

Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos e ser otimista.”

Cora Coralina.

Minha gratidão a Deus por me conceder o privilégio da vida, meu filho e meu namorado por me sustentarem em amor.

Memorial/Depoimento 8

Ellen Carvalho da Silva

-Apresentação do estudante

Meu nome é Ellen, tenho 18 anos e tenho uma trajetória acadêmica marcada por escolas particulares. Desde o meu primeiro ano do ensino fundamental até o último, frequentei diversas escolas particulares. Porém, minha mãe não poderia continuar pagando mensalmente por dificuldades financeiras, então precisei escolher uma escola pública. Conheci o site Matrícula Fácil e através dele escolhi três escolas com uma amiga. Assim, eu ingressei no IEPIC sem saber nada sobre o colégio.

-Formação

Quando as aulas começaram, em 2020, eu descobri que o IEPIC era uma escola de formação de professores. Fiquei em dúvida se queria continuar na escola, pois nunca tinha pensado em me tornar professora. Decidi que iria ficar até realizar o estágio com as crianças para saber se realmente era o que eu queria, mas o contato com as crianças aconteceu de fato dois anos depois devido a pandemia.

No meu primeiro ano do ensino médio, tive um pequeno período presencial antes de começar a quarentena. Nesse período, percebi o quanto os conteúdos eram diferentes de outras escolas regulares, era mais voltado para pesquisas e conversas, o que me deixou empolgada. Quando começaram as aulas online, fiquei triste e desanimada, pois as aulas se tornaram muito teóricas. Levei muito tempo para me adaptar à nova forma de estudar, sem interação humana, e acabei apenas entregando os trabalhos sem realmente entender os conteúdos. Neste ano, realizei três cursos da Nova Escola: um sobre como criar e usar vídeos na educação, outro sobre “Meios de transportes evento histórico, conexão entre lugares e particularidades de cada um” e outro sobre “Os campos de experiência da BNCC na Educação Infantil”. Desses cursos, o último foi o que mais acrescentou na minha formação, pois o que mais me chamou atenção e fez entender sobre o tema.

No segundo ano, eu já estava mais acostumada com o estudo à distância, mas estava cada vez mais desanimada e desmotivada, principalmente pela falta de interação humana. O estágio foi, assim como no primeiro ano, feito através de vídeos curtos de atividades sendo realizadas em sala de aula, o que não me deu sequer uma noção de como realmente é ser uma professora em sala de aula. Neste ano, fiz novamente o curso a respeito dos “Campos de experiências na BNCC da Educação Infantil” e fiz dois outros cursos: o “Rotina das Crianças: momentos de higiene e alimentação”, também da Nova Escola, e o “Professora nota 10”, da professora Ediana Richeli. De todos os cursos que realizei para melhorar minha formação, o “Professora nota 10” foi o que mais me ajudou, pois explicou de forma simples e lúdica conceitos muito importantes na Educação Infantil.

Em 2022, no meu terceiro ano do ensino médio, as aulas e o estágio voltaram a ser presenciais e eu finalmente percebi que realmente gosto de trabalhar com crianças. O meu primeiro estágio, no ensino fundamental, foi muito importante, pois me mostrou como criar laços e ser atenciosa com as crianças. Já o segundo estágio, de Educação Infantil, me deu exemplos de que tipo de profissional eu quero ser. Com os estágios, as aulas e teorias começaram a realmente fazer sentido e foi mais fácil de entendê-las. Assim, além das aulas voltarem a ser mais práticas e termos acesso a várias atividades, como rodas de conversa e palestras. Desses últimos, um tema muito recorrente era a saúde mental e transtornos e distúrbios de aprendizagem, tema importantíssimo para a formação, pois no decorrer da nossa vida docente iremos encontrar com alunos que apresentam algum transtorno ou distúrbio de aprendizagem e também precisaremos estar atentos a nossa saúde mental e a dos alunos .

-Expectativas

A partir da conclusão deste curso, espero me tornar uma boa professora e depois me tornar uma boa psicóloga escolar, que é a profissão que realmente tenho interesse. O curso me transformou, por ser um curso de formação humana. Nele, aprendi a me conhecer, me aceitar e conseqüentemente conhecer e aceitar o outro. Espero que essas qualidades se reflitam tanto na minha vida pessoal quanto profissional.

Memorial/Depoimento 9

Fabiano Ferreira Cardoso

Meu nome é Fabiano Ferreira Cardoso, sou conhecido por todos como Fabão. A minha história no IEPIC é uma relação de muito carinho e aprendizagem, estou aqui desde 2016. Vivi ótimos momentos, conheci pessoas incríveis e professores que me ensinaram muito, fiz amigos que levarei pra vida.

Quando eu entrei no curso normal, eu queria ser mais comunicativo: conseguir falar na frente de outras pessoas e perder esse medo. Eu quis me desafiar me pondo em situações que eu considerava constrangedoras. A princípio eu queria fazer o curso normal de teste, mas a pandemia veio e eu não pude aproveitar o meu ensino médio e as experiências propostas no curso normal.

O meu primeiro ano foi curto devido à pandemia, mas aproveitei esse tempo. Conheci pessoas novas e percebi que o curso normal era formado basicamente por mulheres. Eu não vi muitos homens no curso e na minha sala só tinham dois contando comigo. Pude perceber que integral seria puxado, mas diferente de algumas pessoas do curso eu quis estar ali, então eu daria o meu máximo.

Depois de dois anos de pandemia finalmente eu pude regressar para escola. Por medo, acabei não voltando para as aulas semipresenciais em outubro de 2021, eu moro com a minha avó, não podia arriscar contrair a doença e passar pra ela. Por conta disso, acabei voltando em fevereiro de 2022, pois eu não podia perder mais esse ano da minha vida em casa e como eu já estava vacinado, eu não vi problemas em retornar. Voltar pra escola usando máscara foi uma mistura de sensações, o medo de estar ali ainda existia, mas a 2 felicidade de estar de volta era maior ainda, pude rever meus amigos e matar essa saudade que eu estava deles.

O meu terceiro ano, o tão sonhado terceiro ano. Ele finalmente tinha chegado e eu mal podia acreditar que tinha voltado pra escola. A minha vida esse ano parecia novela mexicana: cheia de reviravoltas. Esse ano eu consegui realizar alguns dos meus maiores sonhos, eu finalmente consegui montar um time de basquete na escola. Eu estava tentando montar desde 2019, mas esse ano eu consegui não só montar, como treinei o time em alguns momentos e percebi que eu levava jeito como professor de educação física.

Esse ano também pude experimentar como é ser do grêmio estudantil. Foi uma experiência meio conturbada devido à pressão imposta pelo meu cargo de presidente do grêmio, mas consegui realizar alguns projetos na escola e vou deixar alguns desses projetos para os anos seguintes. Nesse terceiro ano pude enfrentar uns dos meus maiores medos, dar uma aula. Eu estava muito nervoso mesmo antes de fazer o estágio, desde do momento que

eu soube que eu teria que dar uma aula eu fiquei muito nervoso. Eu não parava de pensar nisso até que eu finalmente pude estagiar.

No dia da minha aula prática eu fiquei bem nervoso, me enrolei algumas vezes, mas estar lá na frente e ensinar àquelas crianças mesmo que por 30 minutos foi incrível, foi mágico. Fazer estágio foi a experiência mais incrível da minha vida. Ver aquelas crianças, brincar com elas e ensinar o dever para elas foi umas das experiências que eu vou levar pra vida. Mesmo não seguindo carreira como professor, eu vou lembrar dessas experiências. Esse ano foi incrível e aproveitar essas experiências que o curso normal me deu foi incrível.

Memorial/Depoimento 10

Felipe Balonecker Henrique

Meu nome é Felipe Balonecker Henrique e tenho 17 anos. Entrei no IEPIC no ano de 2016, sendo a primeira escola pública que eu estudei. A escola é bem grande, tendo 3 quadras para os alunos, dois blocos para estudo e várias salas para aprendizagem, como a sala de instrumentos. Quando eu entrei na escola foi muito bom, pois o IEPIC é uma escola muito receptiva, os alunos sempre ajudam os outros. Eu ingressei no Curso Normal por já estar na escola e gostar dela e dos professores. Então, continuei e só com passar dos anos cogitei fazer o curso normal como minha escolha.

Devo destacar que a pandemia foi um impasse para o ensino, pois tivemos que fazer as aulas de forma remota e sem experiência com esse tipo de ensino. Em minha opinião, acho que o ensino remoto não foi inclusivo para os alunos, mas eu entendo que foi a forma que foi admitida pela SEEDUC para não "perder" esses anos.

Outrossim, devo destacar que o estágio remoto foi da mesma forma uma novidade para todos. Consequentemente nem todos aprenderam, mas achei interessante a forma como adotaram de como fazer o estágio remoto com análises de vídeos e aulas de outros professores, assim fazendo com que passemos a nossa opinião crítica sobre a situação em sala de aula vista em vídeos na internet que o docente estabelecia para a nossa avaliação e aprendizagem.

Ressalto que os estágios vividos após a pandemia foram essenciais para a minha formação sendo uma experiência única, mesmo sendo complicado e cansativo fazer presencialmente pois a carga horária é pesada, tendo que completar quase 200 horas de estágio divididos em Ensino Infantil e Ensino Fundamental. Porém, nunca esquecerei. Gostei muito de poder ter realizado o estágio, fazendo o estágio durante três dias na semana, sendo 4 horas diárias. Com efeito, acabamos nos apegando emocionante aos alunos e sentido falta após a finalização do estágio.

Tendo em vista que no ano de 2022, com aulas presenciais, tiveram muitas visitas, aulas, passeios e seminários, cabe ressaltar que aprendi muito com as aulas fora da escola por causar uma curiosidade de que vem pela frente uma sensação de ver algo novo. As palestras e seminários sempre foram produtivos e aprendemos muito com isso.

A partir do que vivi durante os 3 anos de Curso Normal, vejo que foi uma escolha fantástica na minha vida e que nesses anos eu conheci pessoas maravilhosas e importantes. Vou levar muitos aprendizados para a minha vida. A vida é feita de escolhas e eu escolhi fazer o Curso Normal e adorei a experiência que em outras formações eu não teria.

Após a conclusão do Curso Normal eu terei a oportunidade de poder trabalhar em uma escola ou dar aulas particulares. Em minha carreira pessoal foram importantes os aprendizados que tive durante a minha formação, em que aprendemos de tudo, até aprendizados para o cotidiano, e agora eu tenho uma visão diferente sobre ensino e aprendizagem.

Memorial/Depoimento 11

Gabriela Menezes dos Santos

Me chamo Gabriela, Nasci no dia 02 de fevereiro de 2003. Moro em Niterói desde que nasci. Conheci o IEPIC através da minha irmã que se formou no IEPIC, então decidi fazer o ensino médio lá também. Entrei no IEPIC em 2020, estava super animada, pois estava vivendo algo diferente. Porém, logo no começo do ano veio a pandemia de covid. Tivemos que parar e fechar tudo, foi uma loucura, pois as aulas foram suspensas por dois anos.

No primeiro ano não tivemos aulas. Já no segundo, tivemos aulas remotas pelo celular. Para mim foi muito ruim, pois tinha acabado de entrar na escola, não sabia como eram as disciplinas, estágio, portfólio, fiquei perdida, mas aos poucos consegui entender. Foram dois anos muito ruins. Porém, no final de 2021, já conseguimos a vacina e todos foram vacinados.

Voltei para a escola no último ano, no 3º ano. Confesso que voltei muito desanimada e totalmente sem ritmo, mas ao longo do ano fui deixando isso de lado e comecei a viver cada dia como se fosse único. Comecei os estágios, que era uma experiência que queria muito viver; até mesmo para ver se era essa formação que eu queria. Eu amei muito, vejo que essa profissão é perfeita para mim.

Conviver com as crianças e ensinar é uma forma de ver que a vida tem um sentido para mim. Eu me sinto muito realizada, o que significou ser uma professora e poder passar todos os meus conhecimentos e experiências aos meus futuros alunos. Ser professora e ter a missão de ensinar, escutar, orientar, motivar, desafiar e descobrir oportunidades e habilidades. Espero conseguir espalhar vários conhecimentos para vários alunos que eu encontrar.

Memorial/Depoimento 12

Geovana Rodé de Assis da Silva

Eu me chamo Giovana Rosé, tenho 18 anos e estou no terceiro ano do curso normal. Entrei no IEPIC no ano de 2020 por influência de meus pais, mas não entrei na intenção de seguir a profissão. A principal motivação que me fez querer ingressar nesse curso foi ir para uma escola diferente e ter a possibilidade de sair com um diploma .

O meu primeiro dia de aula no primeiro ano do curso normal, foi um dia de muita experiência nova. Foi minha primeira experiência em um ambiente novo, com pessoas novas em um bairro novo. Passamos no máximo um mês estudando e logo veio a pandemia. A pandemia foi uma experiência muito assustadora pelo fato de ninguém poder sair de casa e milhares de pessoas morrendo. Foi nesse período que veio o EAD.

Em 2021 ainda estávamos com uma pandemia acontecendo, porém já saímos para lugares com uso de máscara e sempre preservando o distanciamento. Continuamos com o ensino à distância e fazendo as apostilas. Foi um período que fiquei bem afastada da escola, pois não tinha motivação para aprender e só voltei a estudar quando voltamos ao ensino presencial.

Quando menos esperava, chegou o temido terceiro ano. Da mesma forma que parece que passamos um período longo e cansativo, esse tempo passou voando. Nesse ano já voltamos com um ano letivo mais normalizado e a todo vapor. Foi o ano que percebi a escola ainda passando por bastante dificuldade em relação ao comportamento dos alunos, mas ainda assim tentando normalizar.

Foi o meu primeiro ano passando pelas experiências do curso normal, como estágio, atividades culturais e diversificadas e bastantes palestras. O IEPIC me apresentou ao real sentido da educação e fez me apaixonar pela educação. Toda pessoa tinha que ter a oportunidade de vivenciar essas experiências. O IEPIC é uma escola de potencial imenso, porém merece mais investimento e valorização.

Memorial/Depoimento 13

Isabela Gouvea Ottati

Meu nome é Isabela Gouvea Ottati Fontana Gomes, natural do Fonseca, bairro da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Nasci em 22 de abril de 2005 de pais mais velhos. Fui basicamente criada pela minha mãe, com apoio de minha avó, e até hoje convivo com elas. Minha mãe é fisioterapeuta e trabalha atualmente na prefeitura de Niterói. Minha avó foi assistente social por cerca de trinta anos; apesar de ser professora, não seguiu com a carreira. Foi dentro de casa que aprendi que o “amor e o hábito são os maiores educadores”, Freud explica.

Com a separação dos meus pais, sofri muito em relação a amizades. Até hoje sinto uma certa dificuldade em me relacionar com meus colegas, não sabendo expressar minhas emoções. Foi um período turbulento para mim, atrapalhando minha vida escolar. Um exemplo disso é o ano em que fui alfabetizada: tive vasta dificuldade, pois, nesse tempo, foi um ano de separação dos meus pais e precisei ficar um tempo no psiquiatra. Após tudo isso, as coisas começaram a melhorar, assim como eu nos estudos. No ano de 2011, fui a oradora da turma e fiquei muito feliz com a minha conquista.

Durante toda minha vida estudei somente em três colégios: no Primeiro Degrau estudei do pré 1 ao 2º ano do fundamental, no Conceito A estudei do 3º ano do fundamental até o 9º e no IEPIC que vou finalizar o ensino médio como professora. Desde que entrei na minha escola atual sempre sonhei em ser professora, mas - como veio a pandemia - quase não pude desfrutar desse sonho. Dois anos em casa no ensino remoto me fizeram valorizar os momentos simples da vida. Foi somente em 2022, no retorno ao presencial, que pude viver esse sonho. Fiz estágio e simplesmente me apaixonei; não me vejo em outra profissão. Uma das minhas maiores dificuldades foi a descrença das pessoas próximas a mim. No geral, isso me causou um desânimo, mas encarei como um desafio. O resultado é que fui aprovada na PUC-Rio, uma das universidades mais bem avaliadas do país. Agradeço a todos que duvidaram da minha capacidade, no fim das contas, me fizeram me dedicar ainda mais para alcançar meu objetivo. Sei que agora estou no caminho certo do meu sonho se tornar realidade.

Memorial/Depoimento 14

Ivana Sardo Calmon

Me chamo Ivana Sardo, tenho 19 anos e vou contar como vim parar no Curso Normal. Comecei meus primeiros anos escolares com minha tia sendo minha professora, confesso que isso nunca teve uma grande influência sobre mim. Nunca soube muito bem o que gostaria de fazer e me formar, meu pai sempre colocou muita pressão na minha cabeça em relação a isso, até então nunca nem tinha ouvido falar de curso normal, mesmo minha mãe e minha tia tendo sido normalista no IEPIC.

Comecei meu primeiro ano do ensino médio no Liceu, lá fiquei por umas duas semanas, até uma amiga minha me falar do IEPIC, só me falou coisas boas, apesar de não ter certeza se queria realmente seguir a profissão futuramente, resolvi trocar de escola. Então em 2019 foi meu primeiro ano como normalista, foi um ano ótimo e fiz amigos maravilhosos, fiz meu primeiro estágio na educação infantil, onde minha tia era diretora, ela me incentivou muito a continuar no curso e me dedicar a isso futuramente. Mesmo tendo gostado da experiência, era muito cansativo, e meus amigos iriam sair no próximo ano, quis sair também, minha mãe e minha tia foram contra, e mesmo contra minha vontade minha mãe me "obrigou" a continuar.

Meu segundo ano do ensino médio aconteceu remotamente, por conta da pandemia do COVID-19, as aulas on-line e as plataformas digitais eram novas tanto para os alunos quanto para os professores. Foi um ano muito diferente e difícil para todos, passou-se um ano e eu já estava no terceiro ano, ainda com aulas remotamente, sem viver os estágios e tudo que tínhamos para aperfeiçoar, não aguentei a pressão, e continuar online para mim era muito difícil. Então, desisti e reprovei, tinha certeza que faria meu último ano de novo, só que em outra escola. 2022 chegou e eu estava focada e determinada, escolhi fazer o terceiro ano no IEPIC novamente, agora presencialmente, mesmo já sabendo como era, viver isso de novo foi surreal, os estágios e a energia da escola.

Em 2022 vivenciei o estágio na educação infantil e no ensino fundamental, de longe a minha melhor experiência do curso normal foi ser estagiária na educação infantil, me apaixonei demais por cada criança, e a escola foi super receptiva comigo, foi ali que percebi que queria continuar seguindo esse rumo na minha vida. iz pela primeira vez o estágio no ensino fundamental, uma experiência mais difícil, as crianças e a escola já estavam acostumadas com a troca de estagiários a cada mês, então criar um elo era mais complicado. Mesmo assim, foi um momento único em minha vida, fiquei na sala do quarto ano, onde eles já são mais arteiros. Por enquanto, pretendo continuar com a educação infantil.

Comentário e expectativa

Quando escolhi o Curso Normal via como um plano B da minha carreira, porém em meu último ano me vejo realmente seguindo essa profissão, quero fazer faculdade de pedagogia e trabalhar com isso. Trabalhar em escolas e crescer ainda mais lá dentro.

Memorial/Depoimento 15

Jhulya Souza Silva

Eu sou Jhulya Souza Silva, tenho 18 anos e curso o Curso Normal, como alguns conhecem, o famoso “Formação de Professores”. Neste momento, eu me encontro na reta final do meu ensino médio, estou no 3º ano e está tudo sendo tão nostálgico e eufórico ao mesmo tempo, passaram tão rápido esses 3 anos no IEPIC que me fazem ter flashes de memórias do início de toda essa trajetória até o momento de agora.

Quando resolvi sair da minha antiga escola, a minha primeira opção não foi o IEPIC, pois até então eu tinha um objetivo de conseguir entrar em alguma escola Federal. Fiz curso preparatório, mas infelizmente não passei por pouco. Daí veio a minha desilusão, fiquei sem rumo. Quando caiu a minha ficha que eu não tinha conseguido passar para a escola que eu tanto queria, mas nessas minhas idas e vindas de vindas de concurseira eu por coincidência tive a oportunidade de conhecer a escola IEPIC, Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho.

Nela, realizei uma prova. Eu me encantei com as decorações da escola e da sala de aula, porém pensava que era uma escola municipal de educação infantil e EF. Isso tudo ocorreu em 2019. Chegando no final da minha desilusão, eu resolvi reagir e tomar alguma atitude, até porque eu não poderia ficar perdendo tempo por algo que já tinha passado. Nessa de reagir, fui pesquisar por escolas públicas com formação de alguma coisa e logo me veio o resultado IEPIC. Eu, de cara, reconheci a escola, pesquisei mais sobre como funcionava e descobri sobre a formação de Professores. Gostei muito, mas achava que a Formação era opcional, mesmo assim conversei com a minha mãe. No início de 2020, eu ainda continuei na minha antiga escola cursando o 1º ano do ensino médio, mas com pensamentos no IEPIC. No entanto, veio a chegada do COVID-19 e estragou os meus planos.

O ensino passou a ser remoto depois de ser resolvido qual seria o posicionamento em relação à Educação, então fiquei pelas videoaulas e apostilas. Mas, sinceramente, eu mal assisti as aulas, pois estava passando por situações pessoais. Com o passar do ano, eu retornei com a minha saga do IEPIC e fiz a inscrição novamente. Fiz e consegui a vaga e fui fazer a matrícula no ano seguinte de 2021 e lá descobri que era obrigatório a Formação de Professores; além disso, conheci algumas pessoas que também estavam lá para se matricular.

Com o início das “Voltas às aulas” no Ensino Híbrido optei por ir presencialmente. Do início do ano até o meado foi online, então o contato com os colegas foi zero. Foquei nos meus estudos, pois era tudo “novo” para mim, assisti as videoaulas e realizava as atividades. Mas quando estava chegando no meio do ano “larguei de mão” e parei de fazer as atividades e ir com frequência às aulas. Fiquei muito sobrecarregada, pois ajudava dentro de casa e no trabalho. Logo em seguida que eu caí em si e comecei novamente a fazer os

exercícios. Depois voltamos com o presencial no final do ano, aí foi quando também voltei junto, mais por pressão psicológica da minha mãe, mas voltei.

Quando eu voltei ao presencial odiei de início, conhecia algumas pessoas, no entanto, quando era dia de integral, eu odiava, pois a minha turma tinha pessoas na qual eu conhecia obviamente mais também eram todos já conhecidos entre si, a famosa “panelinha”. Eu sendo uma pessoa bem comunicativa que ama falar logo fiquei inquieta. Porém, com o passar de alguns dias, fiz amizade com Gabriel, Camila, Ana Luiza, Ellen, Kelly e Anna Clara.

Meu rolê com eles foi super aleatório. Com uma junção de montar grupo para trabalho, nessa fomos interagindo além dos assuntos sobre o trabalho. Até hoje somos um grupo fixo de trabalho, é super difícil isso acontecer, mas conseguimos manter os laços. A Kelly foi um rolê totalmente diferente mesmo. Quando eu comecei a frequentar as aulas presenciais, ela não ia, era igual fumaça. O povo falava “Cadê Kelly?” em todo canto da sala e ficava eu pensando “essa garota deve ser essas malucas que não querem um nada com a hora do Brasil”. Até que, depois de algumas semanas, a Linda apareceu pela escola e foi nesse momento que estava com problemas em relação ao meu RioCard. Sendo assim, em um dia que cheguei atrasada e não pude entrar na sala de aula encontrei com Kelly no meio do caminho e logo deduzi que ela era Kelly. Não sei porque, mas foi. Então, perguntei o nome dela e falei que não poderia entrar por conta do atraso, segundo o professor. Então resolvi chamar ela para ir resolver o problema do meu RioCard no terminal. Daí fomos e conversamos muito, sabe quando você não dá nada por aquela pessoa e não cria expectativas, foi a gente.

Porém nos surpreendemos, conversamos mil e um assuntos só naquele dia. Ela não ia para a escola só recarregava o cartão e ia embora. Daí em diante nós nos vimos frequentemente, até porque ela precisa de ponto para passar e mais uma vez a gente se juntou e pegamos mais intimidade. Logo depois, vieram as férias, eu sumi por conta de ter ficado sem celular, mas depois voltei e foi instantâneo mandar mensagem para ela e não é que ela também estava atrás de mim. Conversamos e contamos as coisas que aconteceram ao longo do tempo.

No ano de 2022, iniciei o 3º ano do ensino médio. Todos aqueles que fiz amizade caíram na mesma turma que eu novamente e criamos um laço maior. Era tudo “Novo” para a gente, até porque estávamos vindo de um processo de Educação híbrida. De cara, eu não estava indo para a escola, mas retornei depois das meninas, inclusive por influência de Kelly. Caí na realidade e comecei a ir. Nessa, conheci muitas outras pessoas e fiz amizade com pessoas que eu nem imaginava. Quando iniciamos o estágio, fiquei meio receosa, mas tudo deu certo. Acho que a primeira saga foi o preenchimento dos documentos para o Nest. Portanto, deu certo até aqui, o meu primeiro estágio foi na modalidade do Ensino Fundamental, estagiei na Escola Municipal Anísio Teixeira e depois de uns meses fui estagiar na modalidade de Educação infantil na Umei Julieta Botelho. As duas escolas em que passei,

eu amei. As experiências foram incríveis, me apeguei às crianças e criei um afeto por elas. Esse ciclo se findou, mas não deixou de ser incrível.

Já no IEPIC, o meu dia a dia era surpreendente a cada dia, participei de diversas palestras, rodas de conversas, seminários, passeios, conheci e adquiri vários conhecimentos e cultura; experiência maravilhosa da qual não me arrependo. Amei cada experiência que o IEPIC me proporcionou. Estou me formando, mas é aquilo, pretendo ser professora para ter renda para bancar a minha faculdade de enfermagem caso eu não consiga cursar a pública e também ajudar a minha família. A princípio, eu não tinha os pensamentos de cursar uma faculdade, mas sim de entrar para o exército ou marinha, na Esa, Efom ou Ciaga. Mas com a chegada do curso normal, mudei os meus planos e prioridades. Caso eu consiga trabalhar como professora concursada, ou algo do tipo, pretendo me dedicar novamente à carreira militar.

Essa foi a minha experiência e vivência no Ensino Médio, cada detalhe me fez somar, evoluir mentalmente e fisicamente em vários aspectos e só tenho a agradecer tudo isso que o IEPIC me proporcionou. Foi um prazer estudar no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho e conhecer determinadas pessoas que passaram pela a minha vida.

Memorial/Depoimento 16

Júlia Alcântara Motta

Sou Júlia Alcântara, nascida em 01 de março de 2004 no estado do Rio de Janeiro. Foi através de um site em que me inscrevi chamado “matrícula fácil” que ingressei no curso normal na escola IEPIC, localizada no bairro São Domingos, Niterói. Simplesmente caí de paraquedas nessa escola, não fazia ideia de que o IEPIC era uma escola do curso normal. Assim, dei início ao Ensino Médio, porém o 1º e 2º do curso normal foram em Ead (educação à distância) por causa da pandemia, por motivos de segurança para todos, tanto alunos quanto professores. Esse vírus, COVID-19, causou um grande impacto na sociedade, foram 2 anos estudando online dentro das nossas casas. Mas no fim deu tudo certo.

Assim, passei para o 3º ano do ensino médio, em 2022, e está sendo uma experiência extraordinária, pois as aulas voltaram ao normal e então pude fazer novas amizades, conhecer meus novos professores, participar de eventos como palestras, roda de conversas e matérias que nunca tinha tido em minha vida. Essa formação está sendo única na minha vida. Para falar a verdade, não foi uma caminhada fácil, mas, graças ao meu esforço e dedicação, eu estou concluindo o curso normal.

Vivenciei coisas incríveis, como o meu estágio do ensino fundamental, o qual pude conviver com crianças de 10,11 anos e também elaborar uma aula prática para eles. O estágio da educação infantil foi sem dúvidas uma experiência encantadora, convivi com crianças de 5,6 de idade. Minha formação está sendo maravilhosa, mas infelizmente não darei continuidade na profissão pois tenho outros planos. Apesar disso, acredito que a formação de professores irá me ajudar de outras formas.

Memorial/Depoimento 17

Júlia Cerqueira

Meu nome é Júlia Cerqueira, fui matriculada no IEPIC pela minha mãe porque estávamos nos mudando. Cheguei aqui em 2017 no 7º ano e continuei até o 9º, que foi quando descobri que era uma escola com curso normal no ensino médio. Depois de conversar com alguns familiares e pensar um pouco, resolvi ficar para o ensino médio; foi mais pela curiosidade e por gostar da escola do que pelo interesse.

No primeiro ano, em 2020, já me apresentaram as matérias pedagógicas e me interessei por cada uma. Infelizmente, nem eu e nem meus colegas conseguimos desfrutar de nosso primeiro ano por conta da COVID-19, perdendo não só uma experiência real e presencial de curso normal, mas também perdendo toda aquela fase dos estudos que é tão esperada, o ensino médio.

A pior parte do ensino remoto foi me adaptar. Não consegui me acostumar assim e não me senti nem um pouco animada para aquele ano, pensei até em desistir do curso normal e me matricular em uma escola com o ensino médio regular. No decorrer do ano, relaxei totalmente dos estudos, pensei também na possibilidade de repetir o primeiro ano, mas foi aprovação automática, então fui “aprovada” de qualquer forma.

Em 2021, no segundo ano, continuamos no ensino remoto por um bom tempo, mas desta vez eu estava um pouco mais animada para o ano letivo. Não posso dizer que fui uma aluna frequente em todas as aulas online, mas eu sempre entregava as atividades no prazo e ficava muito feliz com isso. No meio do ano, lá para o mês de maio, eu já estava totalmente adaptada ao ensino remoto. No mês de setembro, o ensino híbrido chegou na escola e fiquei super contente de ir para a escola novamente.

Com o passar de algumas semanas, as aulas presenciais retornaram, mas muitos não queriam ou não sentiam segurança. Mesmo assim, em comparação a setembro, a escola estava bem mais viva. Em relação aos estudos, eu não estava nem ruim e nem tão bem, mas consegui passar felizmente e com o portfólio também.

Este ano foi mais normal, felizmente. Voltamos com os protocolos de segurança usando máscaras, passando álcool em gel e com distanciamento até certo ponto. Foi maravilhoso rever amigos e conhecidos outra vez e voltar à rotina normal. Fazer estágios presencialmente pela primeira vez foi outra experiência que não esquecerei, estar em uma sala de aula, mas não como aluna, foi incrível. Por conta dos dois anos em casa fiquei totalmente desacostumada com a questão de realmente ter aula, principalmente em horário integral, mas não foi difícil para me acostumar novamente, creio que por conta do meu ânimo para este ano letivo.

O que posso concluir com tudo isso é que o curso normal me deu outra percepção em determinados assuntos e me deixou mais preparada para o mercado de trabalho, por conta de toda responsabilidade que foi dada a nós. Foram anos de muitos altos e baixos para todos, mas fico muito feliz por estar conseguindo concluir esta fase de minha vida e, com certeza, levarei pelo menos um dos ensinamentos que tive aqui para vida.

Memorial/Depoimento 18

Júlia Oliveira Bragança

Meu nome é Julia de Oliveira Soares Bragança, atualmente tenho 18 anos . Entrei no curso normal em 2020. Caí de paraquedas praticamente, não tenho um porquê, pois eu não sabia que a escola era de formação de professores, só entrei no IEPIC porque as outras escolas não tinham mais vagas. Minha formação nesses três anos de escolaridade foi muito difícil, pois no primeiro e segundo ano de escolaridade eu estava de quarentena por conta da pandemia. Foram 2 anos de Ensino Médio jogados no lixo! Pouco aprendido, pouca sabedoria, não aprendi nada, na verdade.

Comecei a compreender melhor o curso normal a partir do terceiro ano do ensino médio, foi quando comecei a fazer estágio na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, que para mim foi uma grande experiência; passar por isso foi um grande aprendizado. Participei de muitas palestras educacionais, fui em teatros, museus, centros culturais, etc. Foi uma experiência nova pois não tinha costume de frequentar esses tipos de lugares. Quando tudo acabar, pretendo seguir nesse rumo e ver no que vai dar.

Memorial/Depoimento 19

Julia da Silva Barbosa

Olá, me chamo Julia Barbosa, tenho 18 anos e estou cursando o terceiro ano do ensino médio no IEPIC. Iniciei os meus estudos no Iepic em 2020 no primeiro ano do ensino médio. Antes de ir para o IEPIC, estudei minha vida inteira na Escola Municipal João Brazil. Lá, fiquei até o nono ano e quando concluí meus estudos lá me matriculei no Matrícula Fácil para iniciar o ensino médio. Foi aí que começou tudo. A princípio, queria ir para o Brasil França ou Brasil China. Consegui a vaga para o Brasil China, mas como lá é integral não pude ir, pois não conseguiria concluir o meu curso de inglês.

Então, começou a correria para conseguir vaga em outra escola, foi aí que consegui na CE Pinto Lima, no Centro de Niterói. Eu me matriculei lá e frequentei por um tempo, mas não consegui me adaptar de jeito nenhum. Então, uma amiga minha de infância me disse que estava no Iepic e que a princípio só era dois dias integrais, no caso daria para eu conseguir ir ao curso. A mãe dela falou com a minha e resolvi pedir transferência pra lá. Entrei após o carnaval e frequentei as aulas por uma semana. Foi aí que entramos na Pandemia. A princípio, gostei bastante de saber que não iria à escola, pois entrou no ensino remoto. Nesse ano, o ensino foi por apostilas, os alunos deveriam ir até a escola pegar as apostilas, fazer e depois entregá-las. Este foi o critério estabelecido pela Seeduc para nós, estudantes, não perdemos o ano letivo. As apostilas eram péssimas, um monte de dever que eram de séries inferiores, só servia para nos cansar, para aprender mesmo não servia. O estado investiu muito nas apostilas e boa parte foi para o lixo.

No ano de 2021, iniciamos as aulas online através do Google Classroom. Hoje, repensando tudo não que não valorizei, me arrependo de não ter me dedicado mais. Hoje, sinto na pele o quanto a pandemia afetou meus estudos. O Classroom era super complicado, pois acumulava muitas atividades e quase não tínhamos acesso aos professores para tirar dúvidas. Tinha exercícios eu que fazia e nunca sabia se tinha acertado ou não, não havia correção! Mas apesar de tudo o objetivo era só fazer por fazer e enviar para se livrar.

Em 2022 retornamos às aulas presenciais. O retorno foi um pouco difícil, mas logo vieram os estágios e tudo melhorou. O contato com as crianças melhorou 100% todos os meus dias. O carinho com que elas me receberam, cada rostinho jamais será esquecido. Guardarei sempre comigo este primeiro contato que tive.

Com o CN presencial, me identifiquei bastante com as matérias pedagógicas, apesar de ser algo tão novo e estranhar a falta das matérias como química, geografia, literatura... que o CN não tem, pois são substituídas por matérias pedagógicas. O CN me possibilitou conhecer muitas coisas, coisas que se estivesse em uma escola de ensino médio normal não conheceria. Mas até então ainda não sabia da importância disso tudo, realizava essas atividades somente porque tinha que fazer.

Então, veio o ENEM, e no dia 13/11, realizando a prova, me dei conta do quão importante era tais assuntos trabalhados no CN. Por exemplo, a redação do ENEM, o quanto era importante a professora Lien trabalhar redação conosco o ano todo, o quanto as aulas da professora Isabela me ajudaram no tema da redação, por exemplo o samba enredo da Viradouro “Histórias para ninar gente grande”, um samba de extrema importância que talvez se não fosse ela eu não iria perceber a importância na letra da música deste samba. A partir disso, vi o quanto tudo que aprendi no CN era mais importante do que eu poderia imaginar. Hoje, me arrependo de não ter aproveitado mais cada ensinamento, mas sou grata a tudo que o curso normal me ensinou.

Hoje, venho agradecer não só ao curso normal, mas também aos professores, por elaborar cada aula cheia de conhecimentos e cultura para nós, futuros professores do CN. Mesmo sendo grata a tudo que vivenciei no curso normal, sei que terei um problema no futuro, pois este problema já está sendo notado por mim, não só por conta da pandemia, mas sim pela falta de matérias e carga horária que há no ensino médio regular e no CN não há.

Memorial/Depoimento 20

Kauanny Nascimento Alipio Xavier

Estudo no IEPIC desde 2020. Assim que me matriculei na escola, eu soube que tudo em minha vida mudaria, só não esperava ficar 1 ano e meio sem estar presencialmente nas aulas. Foi um susto grande e isso me afeta até os dias atuais, pois sinto que não vivi, verdadeiramente, meu Ensino Médio.

Enfim, as coisas começaram a se normalizar aos poucos e voltaram as aulas presenciais, juntamente com os estágios, a rotina e o convívio. Por ficar um pouco mais de 18 meses sem estar 100% presencialmente na escola, esse ano eu estava com muita energia e disposição para finalmente ter mais da prática que estava faltando. As crianças e os adultos dos meus estágios tiveram um grande carinho por mim, claro que de forma recíproca. Portanto, aprendi muito com cada um, os estágios me ajudaram a ter certeza de que escolhi a profissão certa.

Adoraria ter a oportunidade de voltar a ler esse memorial depois de eu estar aprovada em Pedagogia na Universidade Federal que eu tanto desejo. Por fim, pretendo ter muito ânimo para não me acomodar em apenas uma graduação, tenho a intenção de trabalhar e fazer faculdade simultaneamente. Farei de tudo para continuar a ser o exemplo da minha irmã caçula e orgulho dos meus pais.

Memorial/Depoimento 21

Kelly Eduarda de Almeida

Meu nome é Kelly Eduarda de Almeida Moreira, tenho 18 anos. Vou contar um pouco da minha trajetória escolar no Curso Normal, no Colégio IEPIC. Ingressei no ano de 2020, no 1º ano do Curso Normal, por causa da minha mãe. No começo fiquei bastante animada, pois iria vivenciar experiências novas. Mas no mesmo ano, veio a pandemia e passamos para o ensino remoto.

O ensino remoto foi uma surpresa, pois nunca tinha experimentado e vivenciado isso. Para mim, foi complicado e difícil, as matérias se acumulavam muito rápido, além de não conseguir compreender as matérias. Demorou um pouco para me adaptar, tivemos que assistir vídeos educativos como se fosse estágio presencial.

Conseguí passar de série, agora no 2º ano, em 2021. Desanimada porque continuaria com o ensino remoto, resolvi não fazer nenhuma das atividades. No meu 2º ano não aprendi nada, as matérias foram acumulando, as atividades sem fazer, achei que iria repetir. Porém, chegando no mês de novembro, recebi o comunicado de que a escola voltaria com o ensino presencial (com todos os protocolos para covid-19). Além disso, a Seeduc anunciou no mesmo ano que teríamos aprovação automática e assim, consegui passar e ser aprovada no ano letivo de 2021.

No meu 3º ano, que ainda estou cursando, consegui viver cada coisa do Curso Normal, foi uma experiência inovadora, pois consegui mudar bastante em relação a alguns pensamentos. Os estágios foram presenciais. Realizei os 3 estágios: Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. Foi algo inédito, pois nunca tinha vivenciado, amei cada detalhe.

Além dos estágios, tive vários momentos no CN, roda de conversa, participei do time de futebol feminino, participei de passeios... foi uma experiência maravilhosa. Se fosse para refazer, faria tudo novamente.

Memorial/Depoimento 22

Lídia Rangel Izidoro da Conceição

Meu nome é Lídia Rangel Izidoro da Conceição, desde muito cedo eu sempre gostei de brincar de escolinha e muitas das vezes, brincava sozinha. Um dia, minha tia me deu um quadro branco para eu poder brincar com meus primos. Eu tinha amado, porque agora eu podia ajudá-los no exercício da escola.

No 1º ano, início da pandemia, tinha pensado em desistir, pois achei que não ia conseguir por conta dos estudos serem EAD. Mas quando o ensino presencial voltou e começamos a fazer os estágios, percebi que era isso que eu realmente queria, ficar perto das crianças e poder acompanhar o desenvolvimento delas.

A minha experiência no 1º ano do ensino médio foi bastante diferente do que eu imaginava por conta da pandemia, mas acabei conseguindo entender as matérias, mesmo sendo à distância. No 2º ano do ensino médio, eu vi que era isso mesmo que eu queria: me tornar professora e sempre estar perto das crianças, acompanhando todos os seus desenvolvimentos principalmente na educação infantil, que é onde eles estão aprendendo as coordenações motoras.

O terceiro ano do ensino médio foi o início de volta de um período de pandemia. Foram dois anos em casa sem ter contato com ninguém. Assim que cheguei no terceiro ano, começamos a fazer estágios. Foi então que comecei a ter bastante contato com as crianças. O curso normal me incentivou a querer fazer uma faculdade de pedagogia para continuar nessa área de professora e continuar a ficar perto das crianças.

Memorial/Depoimento 23

Mariana Machado Pessoa

Meu nome é Marina Machado Pessoa, tenho 19 anos e estudo no IEPIC desde que tenho 16. Quando terminei o 9º ano, eu não sabia se iria querer fazer o Curso Normal; mas tive uma aula sobre as crianças e como seria o estágio e decidi fazer. Porém, o primeiro ano acabou sendo online por causa da pandemia. Foi bem difícil, não conseguia fazer alguns exercícios e nem entender algumas das matérias. O segundo ano também acabou sendo online.

Quando voltei para a escola, no 3º ano, foi um tanto desafiador trazer a rotina de acordar cedo, horas de aula rotina de acordar cedo e horas de aula sentada, mas as matérias acabaram me puxando e cada vez mais eu estava interessada. Os estágios começaram e percebi que estava no caminho certo. A cada dia me apaixonava mais pelo curso e, por mais que fosse integral, quando faz o que se ama não é sufocante e nem pesado demais. Ajudava muito a professora ensinando aos alunos matemática especialmente, eles tinham muita dificuldade. Eu passava deveres, escutava eles e contava histórias; eles me amaram.

Espero continuar com essa profissão e que ela me traga bastante alegria na vida. Hoje, percebo e agradeço a quem me incentivou e esteve ao meu lado nesse trajeto de Ensino Médio e Curso Normal. Gratidão por não ter desistido e por ter continuado no Curso Normal.

Memorial/Depoimento 24

Mariana Pereira Cunha

Sou Mariana Pereira Cunha, quando era mais nova ia para o trabalho da minha mãe ajudar as professoras a cuidar das crianças enquanto minha mãe trabalhava na cozinha. Ali, comecei a me interessar e dar valor às professoras. No começo, achava que era apenas uma coisa de criança, mas todas as vezes que me perguntavam o que eu queria ser, eu falava com certeza que queria ser professora. Por mais que as pessoas falem que é difícil ou desacreditam, eu não me vejo fazendo outra coisa. Depois que comecei a fazer estágio e tive contato com as crianças tive mais certeza.

Quando entrei no primeiro ano, no começo me senti realizada e feliz pela nova fase, me assustei por entrar em uma escola nova, com matérias novas e porque percebi que não teria volta. Quando recebi a notícia da covid, pensei que estava tudo perdido, fiz atividades online e veio a esperança, quando começava a querer desistir lembrava o que eu queria e o porquê.

No segundo ano desanimei, fazia mal feito e por obrigação. No final do ano ia para a escola, mas não era a mesma coisa. No terceiro ano, me senti perdida e sem esperança. Agora, se aproximando do final, ainda sinto, mas não vou desistir. Os estágios foram ótimos, foi bom ter a experiência; foi cansativo, porque foram muitas horas e sobrecarregou a todos. Na minha opinião a escola não se preocupou com os alunos, apenas com nota e que nós alunos devemos aprender de qualquer forma.

Assim que eu terminar o ensino médio pretendo me aperfeiçoar e aprender mais, quero ser uma professora exemplar e dedicada. O estudo não vai acabar, quanto mais se estuda mais se aprende. Eu levo uma frase comigo: “Aprender para ensinar, ensinar para aprender, viver para educar.”

Memorial/Depoimento 25

Myckaella Pereira Neves

Sou a Myckaella Pereira Neves Bernardo. Tenho 17 anos e estou fazendo a formação do curso normal de professores porque minha mãe quer que eu tenha um emprego fixo. As aulas online no período da pandemia não me ajudaram muito, tive dificuldades com algumas matérias. No 1º ano, cheguei a participar das aulas presenciais e depois continuei estudando online. No 2º, permaneci com as atividades pelo computador e celular. Voltei para o presencial apenas no 3º ano.

A primeira escola onde estagiei foi em Icaraí, foi uma experiência incrível. Minha primeira aula prática foi lá. A sala era colorida, com várias letras e números; achei essa ideia ótima para estimular a sabedoria das crianças. A segunda escola onde estagiei era perto da minha casa. As crianças de lá eram muito menores que as da escola anterior. Essas duas escolas, ao meu ver, são bem diferentes. A escola que estou estagiando agora é repleta de brinquedos, livros e a sala é cheia de cores chamativas. Algumas crianças são bastante avançadas.

Os passeios e atividades da escola - tanto as diversificadas quanto as culturais, entre outras - achei super importantes, pois assim posso ter uma visão mais avançada e, com isso, novos objetivos com esta formação, em relação a dar uma aula mais explicativa. Para ser sincera, não pensava em ser professora, quero ser bombeira. Mas, caso não dê certo, vou ser uma professora determinada, com o objetivo de ensinar e querer marcar a infância das crianças com coisas boas e divertidas para que elas lembrem o quanto é bom e divertido aprender coisas novas.

Memorial/Depoimento 26

Sara Teixeira

Sou Sara Teixeira, tenho 18 anos e nasci no dia 26 de maio de 2004, em Barra de São João. Atualmente, estou me formando no curso normal. Em 2020, dei início ao meu ensino médio, que para minha surpresa foi EAD (ensino a distância). Foram 2 anos assim, 2 anos de pandemia... Tive dificuldades para me adaptar, porém não foi um bicho de 7 cabeças como muitos diziam. 2 anos se passaram e finalmente dei início ao 3º ano presencial. Esse ano foi um ano de desafios e muita responsabilidade, mas deu tudo certo. Aprendi muitas coisas, conheci novas pessoas, ri muito e chorei muito também. A melhor experiência que tive foram os estágios, principalmente o infantil, pois me identifiquei muito e criei muito apego com as crianças que tive o prazer de conviver. O último ano me proporcionou muitas coisas, idas ao teatro (eu nunca tinha ido), bibliotecas, palestras, rodas de conversas, entre outros. De início, não queria seguir com isso, seria o meu segundo plano. Porém, Deus tinha outros planos para mim e, se tudo der certo, daqui a um tempinho darei aula! Grata por tudo até aqui!

Memorial/Depoimento 27

Sofia Sant'Anna Faria

Meu nome é Sofia, tenho 18 anos e estou no 3º ano do Curso Normal. Ingressei no Curso Normal porque minha mãe e irmã já fizeram, então resolvi seguir o mesmo caminho. Confesso que achei chato e cansativo no começo, mas com o passar do tempo comecei a me encontrar.

Passsei por dois anos de ensino remoto, que foi uma experiência complicada: não tinha muito ânimo para fazer as atividades; porém, quando chegou o terceiro ano, as aulas voltaram com tudo e foi difícil me adaptar no começo àquelas rotinas. Com os meses e os estágios passando, fui me adaptando.

Amei fazer os meus estágios, principalmente o da Educação Infantil, no qual eu me achei e percebi que gostaria de trabalhar com isso. Fazer estágio no Ensino Fundamental também foi ótimo, mas achei bem mais estressante. As crianças têm dificuldade de respeitar e se comportar - algo plausível, já que são crianças - mas, mesmo assim, não trabalharia. A experiência mais diferente que tive foi no estágio da Educação de Jovens e Adultos. Foi algo tão diferente e que não imaginaria passar. Ensinar adultos é um grande desafio e uma verdadeira caixa de surpresas.

Não fiz um curso de aperfeiçoamento, mas pretendo fazer de libras futuramente. Particpei de diversas palestras e seminários e guardo um pouco de tudo comigo; pretendo praticar bastante com os meus alunos. Após concluir o Curso Normal, pretendo fazer faculdade de Psicologia e me formar em Serologia. Pretendo exercer a minha profissão de professora apenas na Educação Infantil. O curso normal vai estar em mim para sempre e espero que reflita bastante em quem vou me tornar.

Memorial/Depoimento 28

Thayssa de Oliveira Damasceno

Sou Thayssa de Oliveira Damasceno, estudo no IEPIC desde 2020. Antes estudei no Cizínio Soares Pinto em São Francisco, Niterói. Durante os dois anos de pandemia, estudei pelo celular e tive bastante dificuldade para me adaptar a essa forma de estudo. Até que aos poucos as coisas voltaram ao normal; com isso, as aulas presenciais e os estágios também. Por ter ficado tanto tempo em casa, tive muito ânimo e energia para finalmente pôr em prática tudo que havia aprendido de forma remota.

As crianças, professores e funcionários tiveram muito carinho por mim e os demais alunos, assim como eu por todos eles. Tenho como projeto realizar concursos públicos, assim podendo pagar uma faculdade caso não consiga passar no ENEM. Pretendo cursar Educação Física ou Nutrição. Para os alunos(as) que em 2023 passarão para o terceiro ano, aconselho que comecem a fazer as atividades culturais e os estágios bem antes para não se atrasarem, pois, a rotina de uma normalista é muito corrida e cansativa.

Memorial/Depoimento 29

Thaís Novaes de Brito

Sou Thaís Novaes de Brito, tenho 18 anos e estudo no IEPIC desde 2020. O Curso Normal foi apresentado a mim por minha mãe, refleti bastante sobre, pesquisei mais sobre e acabei me interessando. Acho que entrei no IEPIC pelo amor que sinto pelas crianças.

O 1º e 2º anos do ensino médio foram difíceis para mim, pois não consegui me adaptar à plataforma digital. No 3º ano, já presencial, tive mais facilidade em me adaptar às matérias, porém não consegui me adaptar aos horários, principalmente o horário de chegar na escola.

Não tive estágio no 1º e 2º anos por conta da pandemia. Entretanto, no 3º pude vivenciar isso e confesso que foi extremamente cansativo por conta da carga horária extensa. Apesar disso, adquiri experiências significativas para minha formação.

Foram três complicados anos onde, apesar das dificuldades, consegui concluir tudo que me foi proposto. Pretendo seguir na área, prestar concursos públicos e quem sabe fazer uma graduação para me especializar.

Memorial/Depoimento 30

Vitória Silva Rodrigues

Eu me chamo Vitória e sou aluna do IEPIC desde 2019. Conheci a escola através da Secretaria de Educação de Niterói, pois onde eu morava não tinha vagas para o ensino médio. Desde que cheguei ao IEPIC, meu olhar para muitas coisas mudou. O início disso foi quando decidi que estudaria numa escola que me desse a formação de professora. Foram quatro anos de aprendizado, respeito por todos, carinho e admiração.

Ao final do primeiro ano, assim como eu, ninguém imaginava que viria uma pandemia. Passei o primeiro ano do ensino médio conhecendo tanta coisa nova e querendo ver mais no ano seguinte, mas, infelizmente, não pude desfrutar das vivências que o segundo ano do curso normal nos oferece. Enfrentar os estudos pela tela do celular nesses dois anos foi péssimo, não aprendi quase nada. Eu me sinto melhor quando posso ter em mãos papéis e uma aula toda presencial.

Escolhi fazer o curso normal pela experiência. Hoje, vejo que ganhei mais que experiência: ganhei vontade de trabalhar com crianças. A formação da faculdade vai ser para psicologia, mas pretendo lidar com crianças. Os estágios do terceiro ano foram mais significativos do que os do primeiro ano. Fiquei 130 horas na educação infantil observando as crianças e relatando sobre as mesmas. A partir daí, meu olhar mudou e decidi que era com crianças que queria trabalhar. Já o ensino fundamental me trouxe desafios. Eu os venci, mas não me encontrei. Apesar disso, valeu a experiência.

Por fim, o IEPIC me deu ótimas experiências. Guardarei cada uma com muito carinho.

Memorial/Depoimento 31

Vitória Souza dos Santos

Eu me chamo Vitória Souza dos Santos e atualmente estou na terceira série do curso normal ponto fui matriculado no EPI em 2018,12 13 anos, moro em São Gonçalo e nunca veria tido contato com colégio de Niterói, por isso sente medo de estar no repique, principalmente pelo tamanho do colégio. porém, esse medo passou quando fui me envolvendo mais com o colégio que apesar do tamanho é bem acolhedor.

Fiz 5 séries no IEPIC, do 8º ao 3º ano, infelizmente os anos de pandemia me roubaram a parte da experiência. Apesar disso, tive as melhores expectativas para iniciar o ano de 2022 que foi 100% presencial e prazeroso. Considero um ano de Recomeço, alegria e paz. Foi leve entrar no IEPIC durante esse ano, sem falar que o curso normal é um caminho difícil, mas tão prazeroso que esqueço o desgaste físico.

Memorial/Depoimento 32

Yasmin Rangel Martins

Meu nome é Yasmin Rangel Martins, tenho 19 anos. Estudo no IEPIC há seis anos, estou desde 2017. Vivi experiências maravilhosas na escola. Quando cheguei no 9º ano, soube que o ensino médio era diferente. Falaram que era formação de professores, achei interessante. Nesse dia, chegando em casa, conversei com minha mãe sobre como era, e ela já sabia. Ela me deu um super apoio. Assim, eu me decidi e tive certeza de que iria continuar na escola.

No ano de 2020, que começou meu 1º ano do ensino médio, estava animada e ansiosa, já me imaginava indo aos estágios. Mas começou a pandemia e começamos a não ir à escola, não tivemos como ir aos estágios nem no 1º ano nem no 2º. Confesso que fiquei desanimada, tive dificuldade de entender algumas matérias pelas aulas online. Porém, não desisti. Fui me virando. Algumas coisas pesquisei na internet, de matérias que não sabia. O que me distraiu foram os trabalhos que os professores passavam, que eram materiais, deveres e brinquedos de construir para nossos futuros alunos.

Em 2022, voltamos às aulas presenciais, foi uma sensação de alívio. Mais fácil para aprender, e podíamos começar o estágio. Fiquei muito feliz porque queria ter essa experiência. Meus estágios foram super tranquilos, tirei nota máxima na minha aula prática. Fiquei dias a mais porque estava com pena de acabar rápido e ia sentir falta das crianças. Comecei meu curso de Libras que tanto queria e que só vai acrescentar em minha formação. Todos os eventos da escola, feitos para o ensino médio, foram marcantes. Experiências, conhecimentos que vou carregar por toda minha vida.

O curso normal foi muito importante para minha formação; posso falar que aprendi muito. Sou grata por tudo que vivi no IEPIC. Em 2023 vou dar continuidade à minha formação e iniciar na faculdade de pedagogia.

Memorial/Depoimento 33

Anônimo⁴

Meu primeiro contato com a alfabetização iniciou-se com minha mãe, ela era amante de livros e passou essa paixão para mim e minha irmã ainda bem novinhas. O primeiro livro que recebi foi "O lar das crianças peculiares" escrito por Ransom Riggs. Eu era tão apaixonada por esse livro que lia um pedaço todas as noites antes de dormir para minha irmã. Porém, somente em 2020 que eu comecei a me interessar pelos métodos didáticos, início da quarentena.

Minha antiga vizinha tem um filho autista e na época ele estava tendo muitas dificuldades em fazer as avaliações pelo ensino remoto, então eu me ofereci para ajudar. Acabei percebendo que tenho muita facilidade em explicar e me comunicar com as crianças, eu me lembro que ele até gabaritou a prova. Contudo, ainda não tinha passado pela minha cabeça fazer pedagogia, o incentivo veio da minha mãe. Ainda meio relutante, aceitei fazer o curso normal e sinceramente não me arrependo de ter ouvido. Eu aprendi muito esse ano, criei novos interesses e posso afirmar que vejo a educação hoje totalmente diferente.

Contudo, não foi um processo fácil, a quarentena tirou muito do meu ânimo de estudar. No início, foi um abalo devido à frustração, eu havia criado muitas expectativas para o meu ensino médio e de um dia para o outro tudo mudou. Não podia sair e me vi tendo que me adaptar ao ensino remoto. Tive também muitas perdas na minha família, principalmente no segundo ano de isolamento, isso ajudou para que eu perdesse totalmente a cabeça para a escola.

Retornar a escola esse ano (2022) foi ainda mais difícil, pois tive que lidar com a ausência de pessoas importantes, principalmente da minha mãe, a pessoa que sempre me incentivou. No início do ano letivo, eu não me importava se iria ser aprovada ou não. Muito mal frequentava as aulas e tão pouco sentia vontade. Somente no meado do ano, com a ajuda do meu psicólogo, que eu passei a me esforçar na escola.

Tiro muitas coisas boas do período que frequentei o IEPIC. Conheci muitas pessoas incríveis e inteligentes, tive a oportunidade de estagiar pela primeira vez nas fases básicas da educação, pude frequentar vários lugares legais graças à instituição e de entender e me aprofundar mais sobre como funciona o conceito da educação em geral, pude dividir a sala com colegas estranhamente legais, que sempre carregarei comigo, e vários professores incríveis que sou grata por me ajudarem a reencontrar meu rumo, rumo este que não me parecia tão certo assim em um tempo pretérito.

⁴*Estudante não quis ter o nome divulgado